



EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E FEMINISMO: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM COLETIVOS FEMINISTAS

Katarine Lapuente Souza¹
Márcia Alves da Silva²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre educação popular e feminismo a partir da experiência de mulheres em coletivos feministas. Entendendo estes coletivos como espaços de educação não-formal e utilizando questionários como instrumento de pesquisa, os dados foram analisados a partir de uma abordagem qualitativa buscando identificar como as mulheres compreendiam os aspectos educativos de suas participações no movimento. O que pôde ser observado é que as mulheres identificam o movimento como um espaço de caráter educativo, tanto para elas, enquanto integrantes, quanto para aquelas a quem são voltadas as práticas realizadas pelos grupos.

Palavras-chave: Feminismo. Educação não-formal. Educação popular.

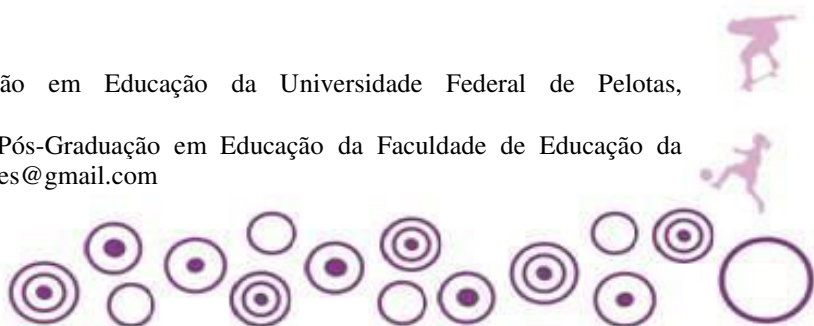
Introdução


As inquietações que fomentam essa investigação tem origem em discussões desenvolvidas no contexto do grupo de pesquisa D'Generus: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero. O trabalho surge do interesse em investigar a forma como mulheres que participam de coletivos feministas compreendem as experiências vivenciadas a partir da participação no movimento.

Estes coletivos, grupos de mulheres, têm seu surgimento nos Estados Unidos e em seguida em países europeus na década de 60 do século XX, quando mulheres passaram a unir-se para promover diálogos e ações feministas (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 68). No Brasil, esses grupos surgiram a partir da década de 70, tinham caráter informal e eram formados a partir de afinidades políticas e intelectuais. (PINTO, 2003, p. 49).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, lapuentekat@gmail.com

² Professora Adjunta e atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, profa.marciaalves@gmail.com





Atualmente existem muitos coletivos feministas em atividade, desenvolvendo ações que variam de acordo com a vertente ou luta feminista com que se identificam, por exemplo: coletivos de mulheres negras, coletivos de mulheres lésbicas, coletivos de mulheres trabalhadoras, coletivos feministas anarquistas, coletivos feministas interseccionais, coletivos feministas radicais, entre outros.

Compreendendo que os movimentos sociais são espaços educativos tanto para seus participantes, como para a sociedade (GOHN, 2009, p. 114), o objetivo deste trabalho é identificar, a partir da experiência de mulheres membros de coletivos feministas, a relação entre Educação Popular e Feminismos. Para chegar até estas experiências, o instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário.

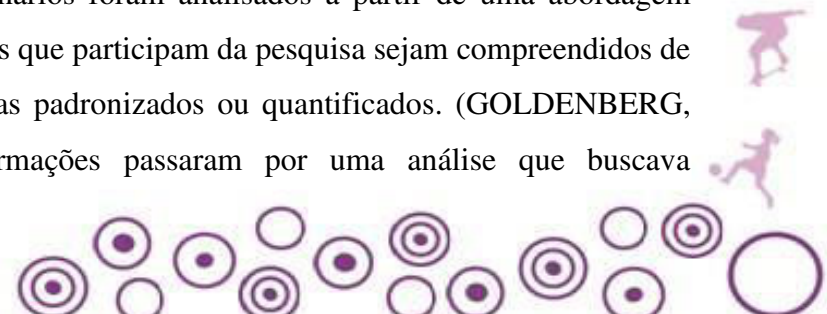
Metodologia

Para ter acesso às experiências de mulheres tornou-se necessário um instrumento de pesquisa que permitisse “chegar” a suas percepções sobre o tema, para isso, o instrumento escolhido foi um questionário com perguntas abertas. As perguntas abertas foram escolhidas por permitirem que as entrevistas repondessem de forma mais livre, sem serem limitadas pelas alternativas que poderiam ser apresentadas. Além disso, esse tipo de perguntas foi ao encontro do proposto pela pesquisa por permitir observar de forma mais complexa as opiniões e ações dessas mulheres. (BAQUERO, 2009, p.122)

Durante a elaboração do questionário optou-se por utilizar tanto perguntas atitudinais, quanto comportamentais, pois, o objetivo abrangia tanto a identificação da forma como as entrevistas compreendem os coletivos, quanto a forma como agem e percebem a si mesmas dentro desses espaços. O questionário possuía 6 perguntas, sendo 4 atitudinais e 2 comportamentais. Nenhuma das questões eram obrigatórias, as entrevistas responderam somente aquelas que sentiam-se a vontade para responder.

O questionário foi respondido por 10 mulheres, com idades entre 20 e 28 anos que participam/participaram de coletivos feministas, integrantes de diferentes coletivos de diferentes cidades. Não houve um recorte espacial ou escolha de um grupo específico, pois, o desejo era realmente perceber a diferença de olhares que poderiam surgir, portanto, o único critério de seleção das entrevistas foi a participação em coletivos feministas.

Os dados coletados nos questionários foram analisados a partir de uma abordagem qualitativa que permite que os indivíduos que participam da pesquisa sejam compreendidos de forma mais complexa, não sendo apenas padronizados ou quantificados. (GOLDENBERG, 2004, p.44.) Nesse sentido, as informações passaram por uma análise que buscava





compreender de forma mais complexa as respostas e conseqüentemente as experiências das entrevistas.

Fundamentação Teórica e Discussões

A investigação realizada parte da compreensão, como foi afirmado anteriormente, de que coletivos feministas são espaços de educação não-formal. Esse termo, que possui diferentes definições, é entendido aqui como sendo um processo com dimensões sociais, políticas, culturais e pedagógicas que busca formar o indivíduo para a sua interação com e na sociedade, envolvendo diversos espaços, instituições e organizações (GOHN, 2010, p.33).

O termo educação não-formal algumas vezes é usado de forma errônea como sinônimo de educação informal. O elemento fundamental de diferenciação entre ambas é a intencionalidade, pois, na educação não-formal as práticas são desenvolvidas com objetivos específicos voltados a formação e capacitação dos indivíduos (GOHN, 2006, p.2).


Essa intencionalidade foi um elemento presente nas falas das mulheres. Ao falar sobre o que as motivou a participar de coletivos feministas, as respostas vincularam-se ao desejo de mudança da situação da mulher na sociedade, à vontade de aprender e trocar experiências e ao interesse em ajudar outras mulheres. Essas respostas têm a marca da intencionalidade muito presente. Todas demonstram que existem objetivos específicos em sua participação nos coletivos.

A intencionalidade aparece presente em um outro momento, quando as mulheres respondem sobre o caráter educativo das ações realizadas pelos coletivos visando um público alvo. Nessas respostas, muitas afirmaram que as atividades voltadas a indivíduos externos ao próprio coletivo têm uma forte característica educativa ou formativa, pois toda a sua elaboração é pensada com objetivos específicos, que vão desde levar uma informação a determinado grupo, até mesmo denunciar uma situação de violência.

Um outro aspecto identificado nas respostas é o desejo de pertencimento e acolhimento e a crença na coletividade como sendo geradora de mudanças, que a partir de esforços individuais tornam-se mais difíceis. Essas falas foram fundamentais por irem ao encontro das fundamentações do movimento feminista, pois, no momento em que as vivências individuais passam a ser compreendidas como experiências coletivas, surge a possibilidade de lutar para transformar a realidade. (ALVES; PITANGUY, 1985, p.67)

Por haver uma grande variedade de posicionamentos, e até mesmo distorções, frente ao que é feminismo, torna-se fundamental para esta discussão a apresentação do que é, neste texto, compreendido como feminismo: *“um movimento social, filosófico e político que busca*





a igualdade entre os sexos e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino além da libertação de padrões opressores baseados em normas de gênero” (CASTRO, MACHADO, 2016, p.28).

A definição de feminismo apresentada acima dialoga com as afirmações feitas pelas mulheres, pois, as respostas dadas às diferentes perguntas foram perpassadas por esses elementos: libertação de padrões de gênero, luta por igualdade de direitos, superação das relações de subordinação, resistência às opressões e empoderamento feminino. Isso demonstra que há uma profunda relação entre a prática da militância feminista e o que é teoricamente produzido sobre o tema.

A união entre a militância feminista e o conhecimento teórico é extremamente necessária para que as mudanças sociais de fato aconteçam (CASTRO, MACHADO, 2016, p.31). Essa é uma afirmação que pôde ser confirmada a partir das respostas das mulheres quando questionadas a respeito da relação entre sua formação formal e sua militância.

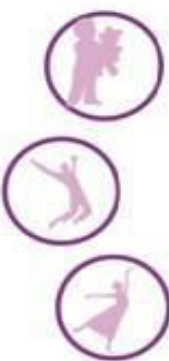
Algumas mulheres afirmaram que os conhecimentos teóricos com que tiveram contato durante sua formação acadêmica fortaleceram suas lutas sociais, pois deram-lhe suporte teórico. Além disso, afirmaram também que a militância tenciona que os espaços de educação formal sejam ocupados por grupos historicamente excluído e provoca o desenvolvimento de estudo e pesquisas sobre temáticas relacionadas a esses grupos, como por exemplo, as mulheres negras, indígenas, lésbicas, entre outros.

Pelo fato de a essência política e pedagógica da Educação Popular estar na conscientização crítica dos grupos populares, em sua organização e mobilização em prol da mudança social, só é possível existir Educação Popular junto à luta popular (BRASIL, 2014, p.34). Nesse sentido, podemos identificar que a educação não-formal desenvolvida dentro de coletivos feministas é uma Educação Popular, pois, nela estão presentes elementos como: organização coletiva, tomada de consciência e luta por transformação social.

Sendo assim, coletivos feministas são um dos espaços em que a Educação Popular pode ser desenvolvida:

A Educação Popular se realiza junto às comunidades, aos grupos empobrecidos, beneficiários das políticas de transferência de renda e políticas sociais, junto às pastorais sociais e pequenos grupos organizados que querem formar associações ou cooperativas, **grupos de mulheres**, juventudes, populações tradicionais, agentes de saúde e comunitários, fóruns de economia solidária, de educação de jovens e adultos. A Educação Popular está onde está o povo do campo e da cidade que lutam dia-a-dia há anos para que possam ter voz e vez, serem protagonistas e construtores de sua própria história. (BRASIL, 2014, p.38, *grifo nosso*).



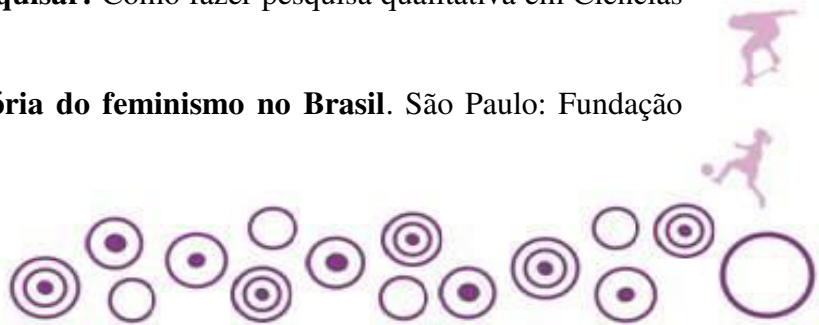


Essa afirmação torna-se ainda relevante quando relacionada com as respostas à pergunta que se refere ao caráter educativo da participação em coletivos, pois, as entrevistas reconhecem que dentro destes grupos aprendem a partir da troca de experiências e se formam a partir das leituras e estudos, possibilitando que tenham contato com a teoria feminista que faz com que seu empoderamento e engajamento fortaleça a luta feminista por mudança social.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto até aqui, é possível perceber que o caráter educativo de coletivos feministas pode ser compreendido através da experiência das mulheres que integram esses espaços, pois, as dimensões educativas e formativas são, por elas, apreendidas. Além disso, foi possível compreender também que estes coletivos caracterizam-se como espaços de educação não-formal em que é desenvolvida uma Educação Popular que visa o empoderamento de mulheres e a luta feminista por mudança social através da organização coletiva.

Referências

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril cultural/Brasiliense, 1985.
- BAQUERO, Marcelo. **Pesquisa quantitativa nas ciências sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2009
- BRASIL. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas.** Brasília: SGPR, 2014.
- CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. **Direito das mulheres do Brasil: experiências de norte a sul.** Manaus: UEA Edições, 2016, p.23-34.
- GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. In: **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação.** Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006.
- GOHN, Maria da Gloria. **Movimentos sociais e educação.** São Paulo: Cortez, 2009.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2004.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- 



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

